



wamoni

VOLUME 10 | EDIÇÃO Nº 2

2025

DOSSIÊ

ESTUDOS ETNOGRÁFICOS
SOBRE FINANÇAS CLIMÁTICAS
E
SOCIAIS
ORG.

CATARINA MORAWSKA, FLÁVIA
MELO E SOCORRO BATALHA

ARTIGOS LIVRES

RESENHA

RELATO DE EXPERIÊNCIA

ENSAIO VISUAL

ISSN: 2446-8371

carolina
suzukidematos

wamoi

Revista dos Alunos do Programa de
Pós-graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Amazonas



VOLUME 10 | EDIÇÃO N.º 2 | ANO 2025

Wamoi

Revista dos Alunos do Programa de
Pós-graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal do Amazonas

Equipe Editorial (2025)**Editores-chefe**

Ozaías da Silva Rodrigues
Victoria Katarina Cardoso Lima
Leonardo Lucas Britto

Editores-executivos

Thamires Pessanha Angelo
Dione Coêlho de Souza
Melanie Theresia Peter
Rafaele Cristina de Souza Queiroz
Marcelo Meneses Schorno
Taynara Alves Lobato Munduruku
Felipe Magno Silva Pires
Izabel Maria Bezerra
Rodolfo Almeida de Azevedo
Tiago Silva de Oliveira
Aline Ribeiro de Oliveira
Geovane Figueiredo da Silva
Ingrid da Costa Rodrigues

**Dossiê Estudos etnográficos sobre finanças
climáticas e sociais****Organização**

Catarina Morawska
Flávia Melo da Cunha
Socorro de Souza Batalha

**Esta edição conta com financiamento da
FAPEAM por meio do POSGRAD 2024/2025****Coordenação do Dossiê**

Ozaías da Silva Rodrigues

Fotos da Capa

Carolina Suzuki de Matos

Diagramação

Dione Coêlho de Souza

Revisão

Equipe Editorial

Produção Editorial da Revista Eletrônica

Tito Fernandes

Projeto Gráfico

Luiz D. da Paz

Assessoria de Comunicação

Dione Coêlho de Souza
Victoria Katarina Cardoso Lima

W243 Wamon - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. Manaus: Edua, 2025 – v.10 n.2; 30cm.

ISSN: 2446-8371

Semestral

1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Ciências Humanas.

CDU 316.4(811.3)

Conselho Editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida
(Universidade do Estado do Amazonas - UEA/
Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
Ana Carla dos Santos Bruno
(Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia
- INPA/ Universidade Federal do Amazonas -
UFAM)
Charles Hale
(Texas University)
Deise Lucy Oliveira Montardo
(Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
João Dal Poz Neto
(Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF)
João Pacheco de Oliveira Filho
(Museu Nacional - MN/Universidade Federal
do Rio de Janeiro - UFRJ)
José Exequiel Basini Rodrigues
(Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
José Guilherme C. Magnani
(Universidade de São Paulo - USP)
Márcia Regina Calderipe Farias Rufino
(Universidade Federal do Amazonas - UFAM)
Márcio Silva
(Universidade de São Paulo - USP)
Thereza Cristina Cardoso Menezes
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- UFRRJ)

Lista de pareceristas da edição (2025.2)

Nominata de avaliadores/as do presente número da revista

Alvair Carolino da Silva
Carlos Paulino
Catarina Morawska
Chirley Rodrigues Mendes
Dernival Venâncio Ramos Junior
Felipe Munhoz
Fernanda Oliveira Silva
Flávia Melo
Geraldo Andrello
Gustavo Onto
Jessica Sklair
Jorge Aponte Motta
Juliene Pereira dos Santos
Levy Felix Ribeiro
Lucas Pereira de Melo
Luan Homem Belomo
Magda dos Santos Ribeiro
Manoel Nogueira Maia Neto
Marcos Alan Costa Farias
Marcos Lanna
Marcus Whinter Alves da Silva
Mariana Vieira Galuch
Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro
Marília de Jesus da Silva e Sousa
Michel Barbará
Patrício Araújo
Paula Bologna
Socorro de Souza Batalha
Valéria Pereira Santos

SUMÁRIO

Editorial

|09

Leonardo Lucas Britto
Victoria Katarina Cardoso Lima
Rodolfo Almeida de Azevedo

DOSSIÊ ESTUDOS ETNOGRÁFICOS SOBRE FINANÇAS CLIMÁTICAS E SOCIAIS

Apresentação

|19

Catarina Morawska
Flávia Melo
Socorro Batalha

Pagamentos por serviços ambientais e REDD+ em territórios tradicionais: avanços e desafios de mecanismos financeiros para conservação

|39

Roberto Sanches Rezende
Juliana Cristina Vasconcelos Maia

Compondo ativos sustentáveis: reflexões sobre a produção de valor no mercado de títulos verdes do agronegócio brasileiro

|65

Vanessa Parreira Perin

Da sustentabilidade à obliteração de cadeia de impactos: Empreendimentos hidrelétricos e o Selo Verde na Bacia do Juruena

|103

Ana Cecília Campos
Bianca de Jésus Silva
Ricardo Costa Carvalho
Cristian Felipe Rodrigues Pereira

Relatórios para mostrar, certificados para garantir: reflexões sobre o desenvolvimento sustentável na indústria siderúrgica

|135

Carolina Suzuki de Matos

A Revista Brasileira de Mercado de Capitais e a diluição da fronteira Estado/mercado

|161

Gabriel Lino de Almeida
Catarina Morawska

Crédito perigoso: disputas na responsabilização de golpes financeiros digitais no Brasil pós-pandemia

|191

Marie Kolling
Thaise Sá Santos
Juliana Alcantara



Quando o assunto é dívida todo mundo tem o que falar: sobre o
endividamento feminino na cidade de Manaus |221
Érica Fabricia Melo

“Na época do meu pai, plantava tudo e colhia”: endividamento e mudanças
na paisagem do Centro-Norte do Tocantins |239
Maíra Vale

Antonia Laudeci Oliveira Moraes
Catarina Morawska
Valéria Santos
Dernival Ramos
Sariza Caetano
Jessica Sklair

O “índio agricultor” e projetos de Estado: uma etnografia do “projeto “Culturas
de Inverno” em Roraima |265
Eriki Aleixo de Melo

Da roça para a cidade e da cidade para a comunidade: circulação de
mulheres indígenas para vender e comprar na tríplice fronteira |289
Marilene Aicarte Peres

A feira municipal de São Gabriel da Cachoeira: a produção da localidade e
do valor como vínculo |321
Caio do Amaral Mader

ARTIGOS LIVRES

Os lugares não certos dos vaqueiros da ilha de Marajó |349
Euclides Araújo Ribeiro
Miguel Aparicio

Quem é pardo no Amazonas? Perfil étnico-racial e identidades dos pardos
amazônicos |373
Leonardo Rafael Leite da Rocha
Pollyanne Silva de Oliveira
Giuseppina Marsico

RESENHA

Resenha do livro O Pacto da Branquitude, de Cida Bento |407
Felipe Magno Silva Pires

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Experiências de Assessoria junto a Povos e Comunidades Tradicionais do
Cerrado Brasileiro |413
Gabriel Costa Ribeiro



ENSAIO VISUAL

Parque Cemitério Soledade: novas apropriações do patrimônio no espaço urbano-cemiterial de Belém do Pará |441

Pedro Henrique Coelho da Cruz

Elisa Gonçalves Rodrigues



Editorial 2025.2Leonardo Lucas Britto¹Victoria Katarina Cardoso Lima²Rodolfo Almeida de Azevedo³

Esta edição apresenta o dossiê temático **Estudos etnográficos sobre finanças climáticas e sociais**, organizado por Catarina Morawska, Flávia Melo da Cunha e Socorro de Souza Batalha. Os/as autores/as do dossiê, com onze artigos temáticos, analisam processos, mudanças e destruições ambientais, a partir de diferentes etnografias sobre o avanço do setor financeiro no Brasil, as diversas estratégias criativas que pessoas, de diferentes grupos e lugares, constroem para lidar com os impactos ambientais e econômicos. É um convite a (re)pensar como diversos grupos vivem, resistem e se (re)inventam em diferentes contextos do país.

O trabalho **Da roça para a cidade e da cidade para a comunidade: circulação de mulheres indígenas para vender e comprar na tríplice fronteira**, de autoria de Marilene Aicate Peres, nos brinda com sua pesquisa realizada na região do Alto Rio Solimões, no Estado do Amazonas, lugar em que ocorre o encontro de três países: Brasil, Colômbia e Peru. A antropóloga

¹ Editor-chefe da Wamon, graduado em História e mestre em História e Estudos Culturais pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atualmente é doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM), bolsista de doutorado CNPq e integra o Colar (Laboratório de Antropologia da Vida, Ecologia e Política (UFAM). E-mail: leonardo_britto7@hotmail.com

² Editora-chefe da Wamon, doutoranda e mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM), licenciada em História (UFAM). Integra o GESECS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidades e Interseccionalidades (UFAM). Email: victoria_katarina@hotmail.com

³ Licenciado em História e Bacharel em Arquivologia (UFAM). Mestre em Gestão de Documentos e Arquivos (UNIRIO). Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (PPGAS/UFAM). Docente do Curso de Arquivologia (UFAM) E-mail: rodolfoazevedo@ufam.edu.br

focou na experiência das mulheres indígenas Kokama, em Benjamin Constant, especialmente na comunidade de Guanabara II e na Comunidade Esperança do Solimões. No artigo vemos o movimento das pessoas e dos produtos a partir de uma análise que acompanhou as intersecções entre comércio, dinheiro e gênero, percebendo as mulheres indígenas como “[...] participantes ativas de processos de circulação econômica, trocas e negociações [...]”, criando estratégias diante de questões de gênero, classe e poder colonial que atravessam as suas vivências. A antropóloga nos convida a conhecer as mulheres indígenas para além das representações colonizadoras, com sua importância na produção agrícola, comercialização dos produtos, na alimentação escolar e sua relevância para o contexto no qual estão inseridas. Junto com a circulação das pessoas, as viagens, as mudanças da vida, há também movimento de produtos como café, açúcar, óleo de cozinha, biscoitos, salgadinhos, refrigerantes, beiju, farinha de tapioca, banana, farinha de mandioca, limão, açaí, vassouras, etc. Isso nos faz pensar sobre a presença desses produtos no cotidiano das pessoas e como eles fazem parte dos fluxos da vida.

Caio do Amaral Mader, autor de **A feira municipal de São Gabriel da Cachoeira: a produção da localidade e do valor como vínculo**, realizou uma etnografia discutindo a teoria valor-trabalho marxiana e dialogando com teorias antropológicas sobre a questão do valor. O antropólogo nos apresenta Linda, migrante venezuelana que trabalha na feira, destacando a diferença desse ambiente para os mercados, a forma de se relacionar com os demais feirantes e clientes. Entre os produtos há “[...] sacos de farinha, tucumãs, pupunhas, abacaxis, mamões, pimentas *in natura*, garrafas pet contendo tucupi, pimenta em pó, entre outros tantos gêneros agrícolas”, criando um ambiente singular que se estrutura a partir de uma rede de relações que envolvem tensões, negociações, relações, estratégias e muita criatividade. Caio nos faz pensar sobre a potência da memória na construção desse lugar que, em meio às mesas com produtos expostos, é atravessado pelas vivências das pessoas que constituem o lugar. Ali, o dinheiro não é o que faz as coisas acon-

tecerem, mas sim mais um dos elementos que fazem parte do contexto.

No artigo **“Na época do meu pai, plantava tudo e colhia”**: endividamento e mudanças na paisagem do Centro-Norte do Tocantins, Maíra Vale, Catarina Morawska, Antônia Moraes, Valéria Santos, Dernival Ramos, Sariza Caetano e Jessica Sklair, nos apresentam um pouco a realidade de pequenos agricultores que enfrentam os avanços da financeirização da terra, do agronegócio e as mudanças ambientais causadas por outras formas de lidar com a terra. O artigo traz o contraste entre uma forma eurocidental e capitalista de lidar com o mundo e as tradições das comunidades rurais da região, destacando os problemas resultantes desse processo e as táticas alternativas utilizadas pelos camponeses para enfrentar essa situação.

Em **Relatórios para mostrar, certificados para garantir: reflexões sobre o desenvolvimento sustentável na indústria siderúrgica**, Carolina Suzuki de Matos apresenta um histórico do desenvolvimento da indústria siderúrgica em solo brasileiro e as mudanças que levaram à política de Governança Corporativa, para, a partir daí, destacar as influências neoliberais que conduziram a indústria siderúrgica ao estado atual. Mesmo quando se substitui o carvão mineral para o carvão vegetal, com a plantação de eucaliptos, há produção de outros problemas socioambientais que impactam na biodiversidade e recursos hídricos das regiões. Conforme a autora aponta, isso é parte da produção de imagens como performances dramáticas, pois os relatórios são utilizados estrategicamente pelas indústrias para comprovar seus compromissos com o desenvolvimento sustentável.

Esse texto dialoga diretamente com o artigo **A Revista Brasileira de Mercado de Capital e a diluição da fronteira Estado/mercado**, de autoria de Gabriel Lino de Almeida e Catarina Morawska, que nos convidam a pensar sobre a importância de uma antropologia política das finanças. Analisam como grupos travam embates políticos e fazem circular ideias, conceitos e ideologias com a finalidade de sustentar o liberalismo. Para tanto, expõem a forma como o Estado é pensado na Revista Brasileira de Mercado de Capitais (Rbmec), com a lógica das finanças se sobressaindo

na estruturação e administração do setor público, gerando uma fronteira opaca entre Estado e mercado. Essa análise percorre as complexidades e divergências desses intelectuais que conseguem pautar o debate e as políticas que conduzem o país a uma política liberal cujos efeitos podemos observar nos demais trabalhos desse dossiê de diferentes formas.

Roberto Sanches Rezende e Juliana Cristina Vasconcelos Maia são autores de **Pagamento por serviços ambientais e REDD+ em territórios tradicionais: avanços e desafios de mecanismos financeiros para conservação**. O artigo foca no acompanhamento do desenvolvimento das cadeias de produtos da floresta e dos mecanismos de pagamentos por serviços ambientais nas Reservas Extrativistas e nas Terras Indígenas na bacia do Xingu, analisando os benefícios e problemas da implementação dos projetos e programas de REDD+ para os povos indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais.

Vanessa Parreira Perin contribuiu com o artigo **Compondo ativos sustentáveis: reflexões sobre a produção de valor no mercado de títulos verdes do agronegócio brasileiro**. Nele, é possível acompanhar uma etnografia da forma como se atribui valor sustentável a atividades agrícolas. A autora apresenta o mercado de títulos verdes, que surgiu como ferramenta financeira visando atender as metas da sustentabilidade e os interesses financeiros, analisando as dinâmicas e discursos, bem como as implicações desse processo. Conforme destacado na pesquisa, reconstruir os elos e as conexões do agronegócio com as dinâmicas territoriais é importantíssimo para compreensão dos limites da sustentabilidade e do mercado de títulos verdes.

Em **Crédito perigoso: disputas na responsabilização de golpes financeiros digitais no Brasil pós-pandemia**, Marie Kolling, Thaise Sá Santos e Júlia Alcantara, trazem uma etnografia das práticas das pessoas vítimas de golpes financeiros e das lutas para reivindicarem os seus direitos, num percurso em que as perdas são muito mais do que financeiras. Destacando o aumento das práticas de fraudes financeiras no Brasil, principalmente pós-pandemia da COVID-19, problema-

tizam as fronteiras entre as práticas financeiras consideradas legítimas e as consideradas fraudulentas. Com isso, as autoras direcionam a atenção para as pessoas que sofrem com essas práticas fraudulentas, mostrando que há muito mais do que os números das perdas em jogo nesses casos.

Quando o assunto é dívida todo mundo tem o que falar: sobre o endividamento feminino na cidade de Manaus, escrito por Érica Fabricia Melo, analisa o endividamento feminino na cidade de Manaus, descortinando as consequências que a dívida provoca e as estratégias que elas criam para lidar com essa situação. Embora a dívida na sociedade capitalista faça parte da realidade de muitos brasileiros, ela atinge cada um de forma diversa. Em um contexto marcado pelas desigualdades sociais e econômicas, esta pesquisa nos convida a observar o endividamento feminino em Manaus enquanto um fenômeno que não fica restrito à dimensão financeira da vida, atingindo as esferas emocionais e de gênero.

No artigo **Da sustentabilidade à obliteração da cadeia de impactos: empreendimentos hidrelétricos e o Selo Verde na Bacia do Juruena**, Ana Cecília Campos, Bianca de Jésus Silva, Ricardo Costa Carvalho e Cristian Felipe Rodrigues Pereira examinam as contradições entre o discurso institucional da sustentabilidade e os efeitos concretos dos empreendimentos hidrelétricos no Alto Juruena (MT). A concessão do Selo Verde a Pequenas Centrais Hidrelétricas do Grupo Bom Futuro, ocorrida em meio à mobilização dos Enawenê-Nawê contra os impactos do Complexo Hidrelétrico do Juruena, expõe um descompasso evidente entre o reconhecimento ambiental promovido por órgãos oficiais e a realidade vivida nos territórios afetados. Ao discutir os limites das certificações ambientais e dos sistemas de gestão ambiental, o texto mostra como esses dispositivos, embora eficazes na legitimação de mercados, tendem a obscurecer impactos socioambientais cumulativos e de longa duração, afastando-se das formas locais de relação com o ambiente e dos modos de vida indígenas.

Em **O “índio agricultor” e projetos de Estado: uma etnografia do projeto “Culturas**

de Inverno” em Roraima, Eriki Aleixo de Melo parte de uma etnografia realizada na comunidade Serra do Truarú, na Terra Indígena Serra da Moça, para discutir como políticas públicas voltadas à chamada agricultura familiar indígena têm reconfigurado práticas agrícolas, relações com o território e formas de organização social. Situado em um contexto marcado por disputas territoriais e por uma longa história de intervenções externas, o artigo mostra como a introdução de mecanização, insumos industriais e assistência técnica, apresentada sob o discurso da modernização e da geração de renda, tensiona modos tradicionais de cultivo e aprofunda vínculos de dependência em relação ao Estado e ao mercado. Ao dialogar com críticas às agroestratégias, o texto evidencia que esses projetos, longe de fortalecerem a autonomia indígena, reatualizam lógicas coloniais e mercantis que colocam em questão a soberania e os projetos de vida das comunidades envolvidas.

As produções livres que integram esta edição reafirmam a Wamon como um espaço aberto à diversidade temática e metodológica da Antropologia. Compõem este conjunto dois artigos livres, um relato de experiência, uma resenha e um ensaio fotoetnográfico, que ampliam os debates propostos pelo dossiê e evidenciam o compromisso da revista com as diferentes formas do fazer antropológico, desde pesquisas quantitativas e etnográficas até experimentações visuais e reflexões ancoradas na prática profissional.

O artigo **Quem é pardo no Amazonas? Perfil étnico-racial e identidades dos pardos amazônicos**, de Leonardo Rafael Leite da Rocha, Pollyanne Silva de Oliveira e Giuseppina Marsico, analisa criticamente a categoria “pardo” no contexto amazônico, evidenciando sua forte associação à origem indígena e contribuindo para os debates sobre autodeclaração racial, identidade e classificações étnico-raciais no Brasil. Já o artigo **Os lugares não certos dos vaqueiros da ilha de Marajó**, de Euclides Araújo Ribeiro e Miguel Aparicio, propõe uma leitura etnográfica sensível dos territórios e cosmologias marajoaras, valorizando a oralidade dos vaqueiros e reconhecendo epistemologias que articulam humanos, não humanos, paisagens e encantarias como formas legi-

timas de conhecimento.

O relato **Experiências de Assessoria junto a Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado Brasileiro**, de Gabriel Costa Ribeiro, articula vivência profissional e análise crítica ao examinar a atuação de organizações socioambientais junto a povos e comunidades tradicionais, evidenciando as tensões entre filantropia, desenvolvimento sustentável, modernização ecológica e relações de poder. O ensaio fotoetnográfico **Parque Cemitério Soledade: novas apropriações do patrimônio no espaço urbano-cemiterial de Belém do Pará**, de Pedro Henrique Coelho da Cruz e Elisa Gonçalves Rodrigues, investiga as transformações recentes de um cemitério histórico em patrimônio urbano, revelando disputas de memória, usos do espaço e novas formas de apropriação da cidade a partir da morte, do ritual e da imagem.

Na resenha de Felipe Magno Silva Pires, o livro **O Pacto da Branquitude, de Cida Bento**, é discutido como uma obra central para compreender os mecanismos históricos e institucionais que sustentam as desigualdades raciais no Brasil. Ao articular memórias pessoais, análise histórica e reflexões sobre a escola, o Estado e o mundo do trabalho, a resenha evidencia como a branquitude se estrutura a partir de pactos tácitos que atravessam gerações, naturalizando privilégios e silenciando o racismo estrutural. O texto também chama atenção para a contribuição da psicologia social e organizacional nesse debate, ressaltando o caráter interdisciplinar da obra e a urgência de um letramento racial crítico capaz de enfrentar as bases simbólicas e materiais da exclusão.

Por fim, enquanto revista discente semestral, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), a Wamon tem seu processo de fortalecimento editorial recentemente reconhecido com a elevação de sua classificação para Qualis CAPES B1, na avaliação do quadriênio 2021-2024, após ter sido classificada como B2, anteriormente. Este volume corresponde à segunda e última edição de 2025, ano que marca também os dez anos do lançamento do primeiro número da revista. Nesse contexto, a con-

quista de um espaço físico próprio, a sala da Wamon, viabilizada com o apoio do PPGAS e de suas coordenações, constitui um marco político na trajetória da revista, ao afirmar condições materiais de trabalho, memória institucional e continuidade de um projeto editorial construído coletivamente por sucessivas gerações de editoras e editores discentes.

Este número é resultado de um esforço coletivo. Agradecemos às pessoas autoras, pareceristas, equipe editorial e a todas as editoras e editores que contribuíram para a consolidação da Wamon ao longo do tempo. Ao publicar esta edição, reafirmamos a Wamon como um projeto coletivo, formativo e politicamente comprometido com a produção antropológica plural, crítica e pública, projetando para 2026 a continuidade e o aprofundamento desse trabalho feito por pós-graduandas/os desde a Amazônia brasileira.